



COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

[Recensão crítica a 'O Livro dos Guerrilheiros. Narrativas', de Luandino Vieira]

Ana Paula Tavares

Para citar este documento / To cite this document:

Ana Paula Tavares, "[Recensão crítica a 'O Livro dos Guerrilheiros. Narrativas', de Luandino Vieira]", *Colóquio/Letras*, n.º 174, Maio 2010, p. 252-253.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

ler erguendo os olhos? Todavia, Gonçalo M. Tavares segue, à risca, a sugestão de Filomena Molder. A obra de Gonçalo M. Tavares é, neste sentido, um exercício de submissão criativa, ou, melhor dizendo, de criação submissa.

Escrever torna-se, neste caso, um prolongamento da própria escrita (do outro), feita sua, apropriada, ao mesmo tempo que se torna do outro. Talvez exista aqui um outro risco: o de uma certa promiscuidade que antecipa a ruptura. Ruptura de algo que é simulação: «Cópula: duas coisas distintas simulam uma ligação que a cada momento ameaça romper-se até ao momento em que definitivamente se rompe» (p. 28). É, precisamente, nesta

instabilidade, já anunciada pela noção de ligação que é posta em jogo, que se joga toda a trama deste livro.

Na p. 78, o autor escreve: «A linguagem não pode ser um lugar de comunidade, de comunicação na pólis; a linguagem terá de ser o lugar do indivíduo, da comunicação, do isolamento: *a frase que me isola é a frase que me conhece*, é a frase que me faz conhecer. As frases têm um lugar privado, não comunitário, ou então não são as *minhas* frases.» Eis a súplica de todas as perplexidades e de todo o brilho destes textos que Gonçalo M. Tavares nos propõe.

Rui Magalhães

LITERATURA ANGOLANA

FIÇÃO

José Luandino Vieira
O LIVRO DOS GUERRILHEIROS
NARRATIVAS

Lisboa, Editorial Caminho / 2009

Conheces o sítio onde brilham as
laranjas de ouro?¹

A pretexto de uma entrevista dada para a rádio por um guerrilheiro, em 1967, e do seu aproveitamento para um documentário a ser elaborado no pós-independência, Luandino recorre, na sua escrita rara e concisa, a uma técnica narrativa que ilumina os processos, cria cadeias de significação e estabelece nexos entre as diferentes estórias, os enigmas que cada uma contém e os provérbios que as suportam.

Como na literatura da oralidade, aqui respeitam-se vozes que se adequam a cada conto com as suas repetições, aliteraões, polifonias, enfim, jogos de gramática para iniciados e oficientes, que esta coisa de contar histórias é só para especialistas.

Disse o nosso mais velho, kamba dya Ngola, Héli Chatelain, que a literatura oral:

consta de um rico tesouro de provérbios ou adágios, de contos ou apólogos, de enigmas aos quais se podem juntar as tradições históricas, mitológicas, ou ditos populares, ora satíricos ora alusivos, ora alegóricos ou figurados, em todos se condensa a experiência de séculos e ainda hoje se reflecte a vida moral, intelectual e imaginativa doméstica e política das gerações passadas.²

O nosso mestre Luandino encarregou-se de despertar em todos nós a vontade de conhecermos ainda mais aquilo que amamos há muito tempo, nossa mãezi-

na Angola, trágica e sublime, oferecendo corpo a cada história, sacrificando filhos, como nos antigos livros, para salvar os outros. Leva-nos com mão segura, como fazem os mestres, a beber nesse rio colectivo que é a memória, Mnemosyne, que nos faz ser quem somos, falar as antigas e as modernas falas, olhar o passado para o assumir com todas as belezas e o sofrimento que comporta.

O exercício começa com o assumir de uma voz colectiva, EU, OS GUERRILHEIROS, onde se conclamam os vivos e os mortos, conforme notícias, mujimbos e mucandas, para contar os sucedos, se apropriar do sagrado e fixar para o futuro todas as coisas nossas e ordenar a verdade, aquela que não existe em balcão de cartório notarial, ou decreto do governo. Estabelecido este pacto com a História e mobilizado o seu discurso, a verdade desliza então para as vozes, sobretudo as vozes que se afinam ao sabor das histórias: «cantarei o herói, o que sempre exemplificou seu povo, vida morte e luta, o dos cinco combates» (Virgílio e Camões falaram antes), assim começa uma das histórias, ou «não foi para isto que fomos nascidos: chorar, sozinhos, óbito de nossos mortos» (Héli Chatelain disse: a sabedoria das nações avalia-se pela frequência dos seus adágios)³; «Zapata, primeiro nome dele Emiliano. Era um centauro» (escreveu Steinbeck, filmou Elia Kazan); era uma vez um homem (cantou Sherazade, quando embalou o mundo). Destas muitas maneiras e línguas e propósitos somos preparados para assistir ao desfilarmos dos contos com as suas fórmulas fixas que se podem articular e desarticular para formar a cadeia de sentidos que o nosso passado recente engendrou só para perceber um passado mais longínquo e entender futuros como quem tece tapetes para prestar homenagens à História, à memória e à intriga.

Aprisionada a geografia (as geografias), leitões de rios, montanhas distantes, pode então o autor «passar a limpo» as histórias de vida, pode ser em forma de conto, estória, aforismo, entrevista ou guião de filme. Inventadas ou recuperadas as vozes, através de um grande número de personagens revelam-nos, como se contassem antiquíssimos segredos, a sua variada densidade psicológica, sujeitos «entes-passados» e presentes, testemunhas de todos os acontecimentos, marcadas por uma infinidade de signos que servem de suporte à narrativa e à leitura. São tipos, atípicos de situações que lhes criaram a máscara de «dramatis personae», cuja qualidade se aumenta na capacidade de recuperar o valor simbólico do processo de construção da nação.

Assim, Luandino nos surpreende de novo com estas narrativas que se articulam com o anterior *O Livro dos Rios*, enchendo de palavras (vozes, contos, provérbios, imitação dos clássicos) as paisagens anteriormente preparadas.

Pode então escrever-se na areia, passar a limpo para ser apagado, o sonho tanto tempo guardado, porque, a bem dizer, todo o discurso é arte de guardadores de sonhos e de rebanhos e cada época atribui à sua história o sentido que mais lhe apraz e Kene Vua, ex-guerrilheiro, tudo ouviu e passou a limpo: «Assim foi que fomos homens. Guerrilheiros; assim foi que ficámos ossos dispersos.»

Ana Paula Tavares

NOTAS

- ¹ Fórmula de iniciar a estória usada por nDiki Ndia e repetida por Kapapa.
- ² Héli Chatelain, *Gramática Elementar do Kimbundu ou Língua de Angola*, Genebra, Typ. de Charles Scuchardt, 1888-1889, p. xviii.
- ³ *Ibid.*